

Carta-manifesto por Futuros Comuns*

**Esta carta é um protótipo, uma primeira versão, e está aberta a contribuições e assinaturas.*

Nós, organizações da sociedade civil brasileira, coletivos, laboratórios, comunicadoras, artistas, ativistas, educadoras, pesquisadoras, juventudes e comunidades reunidas nas oficinas comunitárias, chegamos ao encerramento do primeiro Future Affairs Forum com uma convicção simples: os futuros já estão sendo construídos no presente.

Nos territórios, nas periferias, nas escolas, nas redes livres, nas aldeias, nas favelas, nos laboratórios cidadãos, nas cozinhas coletivas, nas rádios comunitárias, nas ruas, nos corpos, nas memórias e escrevivências (salve Conceição Evaristo) que insistem em sonhar, produzir, defender e encantar a vida.

Por isso, falamos à União Europeia e às autoridades não apenas como pessoas destinatárias de políticas, mas como detentoras e produtoras de conhecimento, tecnologia, democracia e imaginação radical decolonial.

Pedimos que olhem e entendam o Brasil, profundo e soberano, não como campo de testes, mercado consumidor ou reserva de dados, energia e minérios, mas como território vivo de soluções que já existiam, existem, persistem e que podem ser potencializadas através de reconhecimento, financiamento, infraestrutura, proteção e continuidade.

O fim do mundo se aproxima quando o mundo aceita e favorece monopólios, monoculturas e mono futuros. Se aproxima quando a inovação é confundida com extração; quando data centers sacrificam territórios; quando algoritmos permanecem opacos; quando a inteligência artificial se alimenta de nossos trabalhos, culturas e dados, sem devolver valor às comunidades; quando a democracia é reduzida a consulta, e a participação vira adorno.

Como ideias, e propostas concretas, para adiar o fim do mundo (salve Ailton Krenak), reafirmamos a tecnodiversidade, os bens comuns, o software livre, as redes federadas, a comunicação pública e comunitária, a geração cidadã de dados, a memória coletiva e as tecnologias ancestrais, digitais, analógicas, negras, indígenas e periféricas que coexistem neste país.

Não nos falta imaginação e inovação. Faltam políticas à altura das iniciativas populares que já sustentam a vida. O que pedimos é que a cooperação internacional deixe de financiar apenas vitrines comerciais de futuro e passe a fortalecer as raízes do que já está em construção pelos povos de Abya Yala.

Reunidas aqui neste entorno repleto de passado - o Cais do Valongo, a Pequena África e a primeira favela - convocamos a União Europeia a contribuir com melhores futuros, investindo em soluções abertas, auditáveis, públicas e comunitárias; em tecnologias de baixo impacto ambiental; regenerativas de ecossistemas; em independência e soberania digital; em fundos que protejam criadoras, trabalhadoras, cientistas, artistas e comunidades afetadas pela automação; em infraestrutura que não sacrifique territórios em nome da eficiência; em alianças que redistribuam poder e não apenas recursos.

Que a atenção e os recursos públicos fortaleçam conhecimentos comuns. Que a cooperação internacional reconheça autorias, autonomias e protagonismos locais e coletivos. Que os territórios deixem de ser consultados apenas depois das decisões tomadas e sejam os proponentes de nossos futuros.

Os futuros que queremos não cabem no singular. São plurais, diversos, antirracistas, radicalmente democráticos, feministas, comunitários, tecnológicos e ancestrais. São confluências envolventes com a natureza (salve Nêgo Bispo).

Eles (re)nascem e se fortalecem quando crianças, jovens e idosos participam das decisões que moldam suas vidas; quando periferias e povos indígenas são reconhecidos e financiados como centros de tecnologia e saberes; quando a comunicação é tratada como direito e não produto; quando a economia serve ao cuidado do povo; quando o digital alimenta o encontro físico; quando ciência, arte, cultura e política caminham com os pés no chão.

Pedimos que escutem, invistam, protejam e caminhem juntos com quem já pratica futuros comuns no agora. Porque, se há uma responsabilidade global diante das crises do nosso tempo, ela começa por impedir que as tecnologias do presente repitam as violências do passado. Que a cooperação entre Brasil, América Latina e União Europeia não seja uma ponte de mão única para novos extrativismos, mas para alianças afetivas por futuros comuns.

Nós, participantes das oficinas comunitárias, nos colocamos à disposição, com entusiasmo, para co-criar presentes e futuros comuns através das seguintes formas:

- Garantir a participação ativa da sociedade civil na curadoria da programação oficial do próximo Future Affairs Forum.
- Institucionalizar um comitê participativo amplo e diverso como um espaço de deliberação e incidência nos programas da cooperação internacional Brasil - União Europeia.
- Destinar orçamentos específicos e não reembolsáveis para iniciativas tecnológicas lideradas por indígenas, negros, ribeirinhos, quilombolas, periféricos, mulheres e outros grupos vulnerabilizados, com critérios de acesso simplificados e acompanhamento técnico.

- Financiar e capacitar organizações de base comunitária e instituições públicas de pesquisa para o uso ético de tecnologias na produção de evidências que garantam o direito à vida e combatam o genocídio da juventude negra e periférica.
- Construir estratégias e formações tecnopolíticas contínuas e acessíveis para todas as faixas etárias, com foco em letramento digital interseccional, direitos digitais e participação cidadã, reduzindo exclusão digital e combatendo a desinformação.
- Criar uma plataforma digital transparente e multilíngue para centralizar oportunidades de financiamento Brasil-UE, com mecanismos de apoio técnico para organizações comunitárias acessarem editais e fundos.
- Realizar diagnósticos participativos e sistemáticos sobre os impactos da infraestrutura digital no meio ambiente, territórios e modos de vida, usando dados para subsidiar políticas públicas e ações de incidência.
- Financiar e capacitar lideranças negras, indígenas, periféricas, jovens, mulheres, pessoas com deficiência do Sul Global para atuarem como protagonistas em fóruns internacionais, garantindo sua participação em espaços de tomada de decisão.
- Criar um Fundo para Soberania Digital que financie infraestruturas comunitárias e sustentáveis de código aberto, com um Observatório de Discriminação Algorítmica para auditar sistemas de IA.
- Promover a avaliação de impactos ambientais de forma estratégica para a implementação de data centers, reduzindo emissões e promovendo inovação verde.

De Pindorama para o mundo, afirmamos: os futuros comuns já estão plantados onde há cuidado, comunidade, memória e coragem. Cabe às autoridades presentes decidirem se irão apenas assistir a esse florescimento ou se terão a ousadia política de se envolver na manutenção e no cultivo desse ecossistema plural e diverso.

Registro de assinaturas:

1. 2050 - Laboratório de inovação e tecnologia
2. A Cidade Precisa de Você
3. Agência Lume
4. ARTIGO 19 Brasil e América do Sul
5. autônoma: cidade, territórios e direitos (FAU-UNB)
6. Biodiversas Lab
7. Coalizão de Mídias Periféricas, Faveladas, Quilombolas e Indígenas
8. CTRL+Z
9. Dataprev
10. Enlagent

11. Fabulosa Lab
12. Fala Roça
13. Federação das Associações de Favelas do Estado do Rio de Janeiro
14. Gênero e Número
15. Girl UP
16. Global Innovation Gathering
17. Goethe-Institut Rio de Janeiro
18. i-motirão
19. Iniciativa Direito à Memória e Justiça Racial
20. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
21. Instituto Cidade Democrática
22. Instituto Federal do Rio de Janeiro
23. Instituto Fogo Cruzado
24. Instituto Papo Reto
25. Instituto Toriba
26. Instituto Rebrota
27. LGBT+Movimento
28. Maré de Vida Verde
29. Maré 0800
30. Mídia Tática
31. Mycelium Tecnologia
32. Nem Presa Nem Morta
33. Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (Labjor/Unicamp)
34. Procomum
35. Redes da Maré
36. Silo - Arte e Latitude Rural
37. Sleeping Giants Brasil
38. ubatuba.cc
39. Viração Educomunicação
40. WhE play